

## ENTREVISTA

### Perguntas a Cleonice Berardinelli de José Bernardes:

#### 1- Escolha um verso de Camões.

“Pera tão longo amor, tão curta a vida.”

#### 2- Sugira uma prenda do nosso tempo para Camões.

Um computador de última geração, para que não se perdesse nem um verso seu.

#### 3- Como (e porque) sobrevive Camões no Brasil?

##### Respostas interrogativas:

- pela extraordinária qualidade de sua obra?
- pelo fato de ser o cantor de um Portugal heróico e o Brasil um marco geopolítico dessa heroicidade?
- por ser um cantor excelso do amor?
- por tudo isso e mais o que eu não disse?

#### 4- Qual é o seu Graal camonístico?

O surgimento do Adamastor, narrado por Vasco da Gama, Narrador, não omnisciente, como pede a verossimilhança. Considero-o assim por vários motivos:

- a) pela força impressionante da sua figura, das suas palavras, do cenário em que surge e que explica a sua existência;

b) por conter em si o ímpeto épico das ameaças que faz aos navegantes;

c) por ser o herói-vítima de uma cena de alta expressão lírica – o grande amor do gigante, o momento de realização amorosa, a decepção do engano, aliada ao desejo de nele manter-se;

d) último e fundamental: a criação do mito<sup>1</sup>, sua assimilação ao português.

### **5- Considera que Camões está preparado para os desafios da globalização literária? Por quê?**

Não sei responder. Gostaria de saber a sua opinião, até porque é um ponto que me preocupa.

#### **Réplica de Bernardes:**

A pergunta tinha essencialmente que ver com o processo de desnacionalização do cânone literário e com a perspectiva de mundialização dos autores. Nesse sentido, pergunta-se até que ponto Camões, sendo tão português, reúne condições para ser apreciado por leitores de outros países, estranhos à lusofonia.

**Cleonice Bertardinelli responde que concorda com Bernardes:** Camões tem poucas chances na globalização do cânone literário por ser um poeta tão português... Talvez o candidato português ao cânone globalizado seja Fernando Pessoa.

### **6- Indique (tão objetivamente quanto possível) três razões que expliquem o seu afeto à obra de Camões.**

Meu amor à língua portuguesa, de que ele é o cultor máximo.

Meu amor à poesia, e a certeza de que de sua pena se originaram obras primas da poesia de todos os tempos.

Meu amor à figura quase lendária de Camões.

<sup>1</sup> Esta resposta se encontra muito mais desenvolvida em meus *Estudos Camonianos*, desde a 1ª ed., de 1973, até à nova edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 74-81.

**7- Em sua opinião, qual deveria ser, em nossos dias, a tarefa prioritária da investigação camoniana?**

Sem plena certeza, respondo que, embora difícilíssima, seria a mais perfeita possível fixação de seus textos.

**De Vanda Anastácio**

**1- Se hoje tivesse a oportunidade de refazer a edição dos «Sonetos de Camões» o que manteria igual e o que alteraria?**

Manteria tudo. Acrescentaria alguma coisa, que apenas começo a levantar.

**2- O que lhe parece que ainda não foi feito na Área de Estudos Camonianos e seria importante ou urgente fazer?**

No Brasil, um grupo sério de camonistas que traçassem um plano conjunto de tais Estudos, discutido em reuniões também muito sérias, sem digressões, com espírito crítico e científico, voltados todos para o fim principal de realmente fazer conhecer o Poeta máximo da língua.

**3- Que conselhos daria a um jovem pesquisador que quisesse dedicar-se ao estudo do século XVI e da obra de Camões?**

Continue a dedicar-se a esses estudos e faça-o do modo mais competente e assíduo que puder.

**De Sheila Moura Hue**

**1- Em sua experiência didática ao longo dos anos, como tem sido ler, no século XXI e no Brasil, Os Lusíadas com seus alunos de pós-graduação? Há uma mudança significativa na recepção dos alunos de hoje e dos alunos de outras gerações? Ou, ainda, que especificidade existe na leitura de Os Lusíadas hoje, no Brasil?**

Creio que nos cursos sobre *Os Lusíadas*, que tenho dado na Pós-Graduação, contaminao os alunos com o meu entusiasmo justificado – não gratuito – pelo poema, e não só, pois tais cursos são sempre sobre o Poeta integral – o lírico e o épico. Essa carga de entusiasmo que os atinge aproxima-os na recepção das obras.

Não vejo mudança no quanto, talvez alguma no como.

Quando se pergunta sobre a leitura de *Os Lusíadas* no Brasil, nos dias atuais, só se pode pensar nas Faculdades ou Institutos de Letras, pois do ensino médio ela desapareceu. Sendo assim, é-se levado a alterar a pergunta: “que especificidade existe na leitura de *Os Lusíadas* nas Faculdades de Letras do Brasil?”, respondendo-lhe eu, com certa dúvida: existe sobretudo no tratamento do texto como obra de arte inserida num contexto cultural dos mais significativos para Portugal.

## **2- Ainda tocando na questão de leituras e releituras. Há algum poema que a tenha surpreendido com o passar do tempo? Leituras antigas sendo substituídas por novas interpretações?**

Várias leituras antigas minhas são substituídas por novas, muitas vezes a partir de provocações de leituras alheias de que discordo. Em contraposição a António José Saraiva (com toda a admiração e respeito que tenho a sua obra), que critica Camões por chamar *néscio* ao povo, desqualificando-o, busquei, no *Índice Analítico do Vocabulário de “Os Lusíadas”*, todas as ocorrências do vocábulo, que foi posto, por exemplo, na boca do Adamastor para qualificar-se: “Já *néscio*, já da guerra desistindo, / Ûa noite, de Dóris prometida, / Me aparece de longe o gesto lindo / Da branca Tétis, única, despida.” Ora, *néscio*, por quê? Porque não sabia, porque fora enganado.

## **3- Como admiradora de seus Sonetos de Camões, que abraçam todos os sonetos alguma vez atribuídos a Camões, pergunto quais os principais desafios apresentados por esse monumental trabalho editorial.**

A decisão de dar uma edição crítica de parte da obra camoniana não partiu de decisão minha, mas de me confiar a Fundação Casa de Rui Barbosa a continuação de um projeto em andamento iniciado e em execução já bastante adiantada pelo Prof. Thiers Martins Moreira, catedrático de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Daí, o primeiro desafio: o de buscar um critério que norteasse a composição do seu *corpus*; o segundo, a busca do material que deveria ser incluído na edição;

#### **4- Sobre o já clássico artigo “Os excursos do poeta n’Os Lusíadas”, publicado nos Estudos Camonianos, pergunto o que a moveu a escrevê-lo.**

Uma data significativa, 1972 – quarto centenário da publicação d’ *Os Lusíadas* – e o convite do Prof. Maximiano de Carvalho Silva, membro da Comissão Organizadora das Comemorações deste centenário, para destas participar.

A importância que sempre dei aos excursos dentro do poema, onde constituem, em muitos casos, a presença autobiográfica do autor, mesmo disfarçado em seus personagens.

### **De Helder Macedo**

#### **1- Como pode (ou deveria) o crítico literário superar a impossibilidade de se estabelecer uma cronologia da obra de Camões?**

Na maioria dos casos acho-o impossível, dada a falta de dados documentais da vida e obra do Poeta. Em alguns casos, muito mais raros, a referência a um fato, a uma obra põem uma seta na direção de uma data certa ou aproximada. Confesso não saber como superá-lo. A única cronologia que segui foi a da publicação das obras datadas, que fazia seguir das que nelas não se continham.

Acho-as soluções insatisfatórias, mas não encontrei outras melhores. Grata serei a quem mas sugerir.

## 2- Que conselhos daria a um tradutor da poesia de Camões?

Se não se sentir um verdadeiro poeta, conhecedor profundo e amplo da poesia de Camões, desista, se responde afirmativamente às hipóteses acima, tente, mas sempre temeroso de que seu “frágil batel se alague cedo”.

## 3- Quão legítimo é considerar Camões um clássico da literatura brasileira?

Se me permitir, responderei a uma pergunta semelhante a esta, mas *amaciada*: “Quão aceitável é ...”?

Se pensarmos que a Literatura Brasileira ainda não dava os seus primeiros e inseguros passos ao tempo em que Camões já dava os seus – seguros, geniais –, na mesma língua, onde esta se conservaria igual, ou quase, à língua mãe, aquela em que brasileiros e portugueses continuariam a escrever seus versos e sua prosa lado a lado, se pensarmos nisso, teremos a convicção gozosa de senti-lo “um clássico da literatura brasileira”, dando a “clássico” o 4º. sentido que lhe atribui Houaiss em seu *Dicionário da Língua Portuguesa*: “que serve como modelo; exemplar”.

## 4- Como interpreta a seguinte estrofe V, 77 de Os Lusíadas?

Pela Árábica língua que mal falam  
E que Fernão Martins mui bem entende,  
Dizem que, por naus que em grandeza igualam  
As nossas, o seu mar se corta e fende;  
Mas que, lá donde sai o Sol, se abalam  
Pera onde a costa ao Sul se alarga e estende,  
E do Sul pera o Sol, terra onde havia  
Gente, assi como nós, da cor do dia.

Só me resta confessar, sem acanhamento – como um dia Vasco da Gama ao rei de Melinde: “Cheio dentro de dúvida e receio,” – que passei horas e dias a ler e reler o Poeta e o historiador, sem nada descobrir que justificasse a sua pergunta, meu caro Amigo e Colega Helder Macedo. Quis relocalizar-me no poema e melhor localizar-me na história narrada na *Década I*, livro IV, cap. 3, de João de Barros. Nada encontrei que me trouxesse uma achega significativa. A novidade fornecida pelos habitantes das margens do Rio dos Bons Sinais (não se esqueça que o nome fora dado por Vasco da Gama por considerar que “neste rio [...] [tivera] o maior sinal que té ali tinham visto e que lhe deu grande esperança do que iam descobrir”, pois deles houvera notícia de que “contra o nascimento do Sol havia gente branca que navegavam [sic] naus como aquelas suas, as quais eles viam passar pera baixo e pera cima daquela costa” (Barros, *ib.*, *ib.*), a novidade era apenas a de que navegadores da terra, alguns “da cor do dia”, com embarcações tão grandes quanto as dos portugueses, singravam as águas, do oriente (a Índia) para o ocidente (a África) e vice-versa – ou, como diz o Poeta, do Sol para o Sul e do Sul para o Sol (*Lms.*, V, 77), o que me leva a crer numa rota comercial contínua, fazendo um incessante comércio entre continentes. Talvez seja pouco, talvez seja bastante.

A oitava camoniana não se distingue por qualidades literárias que lhe justifiquem a escolha. Não será por aí que encontrarei a resposta solicitada. Terá ela algum “significado oculto?”

### **Réplica de Helder Macedo**

#### **Queridíssima Cleonice:**

A minha pergunta tem origem numa conversa de corredor (por vezes são as melhores) com o nosso colega Thomas Earle no último encontro de camonistas em Coimbra. Alguém (não me lembro quem e, por isso, não lhe posso dar o crédito devido) teria chamado a atenção do

Tom para essa estrofe que, devo confessar, é daquelas que eu certamente tinha lido muitas vezes sem pensar no que pudesse significar. Mas se a estrofe diz o que parece dizer, as implicações são imensas. E não porque tenha algum significado “oculto” mas, porventura, por ter um significado transparente que no entanto revela conhecimentos entretanto ocultados por esquecimentos da História. O “esquecimento” em questão seria o facto histórico de os chineses terem navegado grande parte da costa oriental de África, no sentido inverso ao dos portugueses, algumas décadas antes do nosso Gama: “Gente, assi como nós, da cor do dia, navegando em “naus que, em grandeza, igualam as nossas”, vindas “la donde sai o Sol” e depois regressando do “Sul pera o Sol”. Se assim é, essa seria a primeira referencia européia a essas navegações chinesas de que os chineses desistiram e que a nossa História eurocêntrica durante vários séculos ignorou. Mas de que ainda haveria memória no tempo de Camões, embora (que eu saiba) nenhuma das nossas crônicas (e só o poema) a tenha registado. E agora, no nosso tempo, os chineses estão de novo em plena expansão, e não menos nessa África por eles adiada durante mais de cinco séculos... Volto, pois, à minha pergunta, reformulando-a de modo mais preciso: será que essa estrofe está dizendo mesmo o que parece?

Ah, este nosso Camões que nunca cessa de surpreender!...

Diga se isto faz algum sentido, querida mestra camoniana! Chegou o tempo de, pioneira em tudo, inaugurar os estudos chineses de Camões?

### **Helder, muito querido Amigo**

Precisamos, pois, urgentemente, descobrir historiadores que tenham descoberto as viagens dos chineses, vindo do Sol para o Sul, e voltando do Sul para o Sol. Teria sido Camões o primeiro europeu a mencionar tais navegações? Surpreendendo-nos mais uma vez, como diz você? Resta-me lamentar a falta de tempo futuro “para inaugurar os estudos chineses de Camões” e estimulá-lo a que, com sua notória

competência e levando sobre mim ao menos vinte anos de vantagem, se ponha em campo.

Estou tentando responder-lhe.

Abraço muito amigo, Cleonice.

[Por fim, Dona Cléo decidiu responder por meio de uma comunicação apresentada no Congresso da ABRAPLIP/2007, Associação Brasileira dos Professores de Literatura Portuguesa, e *inaugurar* os estudos chineses de Camões, justamente com o artigo que editamos a seguir, pela primeira vez em papel].